



**BENTO XVI**  
**HOMILIAS**

**2013**

*Editado por* 



A Santa Sé

## **HOMILIAS 2013**

### **BENTO XVI**

**Fonte:**

*<https://www.vatican.va/>*

SOLENIIDADE DE MARIA SANTÍSSIMA MÃE DE DEUS  
XLVI DIA MUNDIAL DA PAZ

*Basílica Vaticana*

**Terça-feira, 1º de Janeiro de 2013**

*Queridos irmãos e irmãs!*

«Que Deus nos dê a sua graça e a sua bênção, e sua face resplandeça sobre nós». Assim aclamamos com as palavras do Salmo 66, depois de termos escutado, na primeira leitura a antiga bênção sacerdotal sobre o povo da aliança. É particularmente significativo que, no início de cada ano novo Deus projete sobre nós, seu povo, o brilho do seu santo Nome, o Nome que é pronunciado três vezes na fórmula solene da bênção bíblica. Não menos significativo é o fato de que seja dado ao Verbo de Deus - que «se fez carne e habitou entre nós», como «a luz de verdade que ilumina todo ser humano» (*Jo 1, 9.14*) -, oito dias depois seu natal - como nos narra o Evangelho de hoje - o nome de Jesus (cf. *Lc 2, 21*).

É nesse nome que nós estamos aqui reunidos. Saúdo cordialmente todos os presentes, a começar pelos ilustres Embaixadores do Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé. Saúdo com afeto o Cardeal Bertone, meu Secretário de Estado e ao Cardeal Turkson, com todos os membros do Conselho Pontifício Justiça e Paz; sou-lhes particularmente grato por seus esforços na difusão da Mensagem para o Dia Mundial da Paz, que este ano tem como tema “Bem-aventurados os obreiros da paz”.

Embora o mundo, infelizmente, ainda esteja marcado com «focos de tensão e conflito causados por crescentes desigualdades entre ricos e pobres, pelo predomínio duma mentalidade egoísta e individualista que se exprime inclusivamente por um capitalismo financeiro desregrado», além de diversas formas de terrorismo e criminalidade, estou convencido de que «as inúmeras obras de paz, de que é rico o mundo, testemunham a vocação natural da humanidade à paz. Em cada pessoa, o desejo de paz é uma aspiração essencial e coincide, de certo modo, com o anelo por uma vida humana plena, feliz e bem sucedida. Por outras palavras, o desejo de paz corresponde a um princípio moral fundamental, ou seja, ao dever-direito de

um desenvolvimento integral, social, comunitário, e isto faz parte dos desígnios que Deus tem para o homem. Na verdade, o homem é feito para a paz, que é dom de Deus. Tudo isso me sugeriu buscar inspiração, para esta Mensagem, às palavras de Jesus Cristo: “Bem-aventurados os obreiros da paz, porque serão chamados filhos de Deus” (*Mt 5, 9*)» (Mensagem, 1). Esta bem-aventurança «diz que a paz é, simultaneamente, dom messiânico e obra humana.... é paz com Deus, vivendo conforme à sua vontade; é paz interior consigo mesmo, e paz exterior com o próximo e com toda a criação» (*Ibid.*, 2 e 3). Sim, a paz é bem por excelência que deve ser invocado como um dom de Deus e, ao mesmo tempo, que deve ser construído com todo o esforço.

Podemos perguntar-nos: qual é o fundamento, a origem, a raiz dessa paz? Como podemos sentir em nós a paz, apesar dos problemas, da escuridão e das angústias? A resposta nos é dada pelas leituras da liturgia de hoje. Os textos bíblicos, a começar pelo Evangelho de Lucas, há pouco proclamado, nos propõe a contemplação da paz interior de Maria, a Mãe de Jesus. Durante os dias em que «deu à luz o seu filho primogênito» (*Lc 2,7*), Maria deve de afrontar muitos acontecimentos imprevistos: não só o nascimento do Filho, mas antes a árdua viagem de Nazaré à Belém; não encontrar um lugar no alojamento; a procura de um abrigo improvisado no meio da noite; e depois o cântico dos anjos, a visita inesperada dos pastores. Maria, no entanto, não se perturba com todos estes fatos, não se agita, não se abala com acontecimentos que lhe superam; Ela simplesmente considera, em silêncio, tudo quanto acontece, guardando na sua memória e no seu coração, refletindo com calma e serenidade. É esta é a paz interior que queremos ter em meio aos acontecimentos às vezes tumultuosos e confusos da história, acontecimentos cujo sentido muitas vezes não conseguimos compreender e que nos deixam abalados.

A passagem do Evangelho termina com uma menção à circuncisão de Jesus. Conforme a Lei de Moisés, oito dias após o nascimento, o menino devia ser circuncidado, e nesse momento lhe era dado o nome. O próprio Deus, através de seu mensageiro, dissera a Maria - e também a José - que o nome a ser dado para a criança era “Jesus” (*cf. Mt 1, 21; Lc 1, 31*), e assim aconteceu. Aquele nome que Deus já tinha estabelecido antes mesmo que o Menino fosse concebido, lhe é dado oficialmente no momento da

circuncisão. E isto marca definitivamente a identidade de Maria: ela é “a mãe de Jesus”, ou seja a mãe do Salvador, do Cristo, do Senhor. Jesus não é um homem como qualquer outro, mas é o Verbo de Deus, uma das Pessoas divinas, o Filho de Deus: por isso a Igreja deu a Maria o título de *Theotokos*, ou seja, “Mãe de Deus”.

A primeira leitura nos recorda que a paz é um dom de Deus e está ligada ao esplendor da face de Deus, de acordo com o texto do Livro dos Números, que transmite a bênção usada pelos sacerdotes do povo de Israel nas assembléias litúrgicas. Uma bênção que por três vezes repete o santo Nome de Deus, o nome impronunciável, ligando a cada repetição o santo Nome a dois verbos que indicam uma ação em favor do homem: «O Senhor te abençoe e te guarde. O Senhor faça brilhar sobre ti a sua face, e se compadeça de ti. O Senhor volte para ti o seu rosto e te dê a paz» (6, 24-26). A paz é, portanto, o ponto culminante dessas seis ações de Deus em nosso favor, em que Ele nos dirige o esplendor da sua face.

Para a Sagrada Escritura, a contemplar a face de Deus é a felicidade suprema: «o cobristes de alegria em vossa face», diz o salmista (*Sl* 21, 7). Da contemplação da face de Deus nascem alegria, paz e segurança. Mas o que significa concretamente contemplar a face do Senhor, tal como se entende no Novo Testamento? Significa conhecê-Lo diretamente, tanto quanto é possível nesta vida, através de Jesus Cristo, no qual Deus se revelou. Deleitar-se com o esplendor da face de Deus significa penetrar no mistério de seu Nome manifestado a nós por Jesus, compreender algo da sua vida íntima e da sua vontade, para que possamos viver de acordo com seu designio de amor para a humanidade. O apóstolo Paulo expressa justamente isso na segunda leitura, da Carta aos Gálatas (4, 4-7), afirmando que do Espírito, que no íntimo dos nossos corações, clama: «Abá! Ó Pai». É o clamor que brota da contemplação da verdadeira face de Deus, da revelação do mistério do Nome. Jesus diz: «Manifestei o teu nome aos homens» (*Jo* 17, 6). O Filho de Deus feito carne nos deu a conhecer o Pai, nos fez perceber no seu rosto humano visível a face invisível do Pai; através do dom do Espírito Santo derramado em nossos corações, nos fez conhecer que n’Ele nós também somos filhos de Deus, como diz São Paulo na passagem que escutamos: «Porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito do seu Filho, que clama: Abá! Ó Pai» (*Gal* 4, 6).

Queridos irmãos e irmãs, eis o fundamento da nossa paz: a certeza de contemplar em Jesus Cristo o esplendor da face de Deus, de ser filhos no Filho e ter, assim, na estrada da vida, a mesma segurança que a criança sente nos braços de um Pai bom e onipotente. O esplendor da face do Senhor sobre nós, que nos dá a paz, é a manifestação da sua paternidade; o Senhor dirige sobre nós a sua face, se mostra como Pai e nos dá a paz. Aqui está o princípio daquela paz profunda - «paz com Deus» - que está intimamente ligada à fé e à graça, como escreve São Paulo aos cristãos de Roma (*Rm* 5, 2). Nada pode tirar daqueles que creem esta paz, nem mesmo as dificuldades e os sofrimentos da vida. De fato, os sofrimentos, as provações e a escuridão não corroem, mas aumentam a nossa esperança, uma esperança que não decepciona, porque "o amor de Deus foi derramado em nossos corações pelo Espírito Santo que nos foi dado" (*Rm* 5, 5).

Que a Virgem Maria, que hoje veneramos com o título de Mãe de Deus, nos ajude a contemplar a face de Jesus, Príncipe da Paz. Que Ela nos ajude e nos acompanhe neste novo ano; que Ela obtenha para nós e para o mundo inteiro o dom da paz. Amém!

SANTA MISSA NA SOLENIDADE DA EPIFANIA DO SENHOR

*Basílica Vaticana*

**Domingo, 6 de Janeiro de 2013**

*Amados irmãos e irmãs!*

Para a Igreja crente e orante, os Magos do Oriente, que, guiados pela estrela, encontraram o caminho para o presépio de Belém, são apenas o princípio duma grande procissão que permeia a história. Por isso, a liturgia lê o Evangelho que fala do caminho dos Magos juntamente com as estupendas visões proféticas de *Isaías* 60 e do *Salmo* 72 que ilustram, com imagens ousadas, a peregrinação dos povos para Jerusalém. Assim como os pastores – os primeiros convidados para irem até junto do Menino recém-nascido deitado na manjedoura – personificam os pobres de Israel e, em geral, as almas simples que interiormente vivem muito perto de Jesus, assim também os homens vindos do Oriente personificam o mundo dos povos, a Igreja dos gentios: os homens que, ao longo de todos os séculos, se encaminham para o Menino de Belém, n’Ele honram o Filho de Deus e se prostram diante d’Ele. A Igreja chama a esta festa «Epifania» – a manifestação do Divino. Se considerarmos o facto de que desde então homens de todas as proveniências, de todos os continentes, das mais diversas culturas e das diferentes formas de pensamento e de vida se puseram, e estão, a caminho de Cristo, podemos verdadeiramente dizer que esta peregrinação e este encontro com Deus na figura do Menino é uma Epifania da bondade de Deus e do seu amor pelos homens (cf. *Tt* 3, 4).

Seguindo uma tradição iniciada pelo Beato Papa João Paulo II, celebramos a festa da Epifania também como dia da Ordenação episcopal de quatro sacerdotes que daqui em diante irão colaborar, em diferentes funções, com o Ministério do Papa em prol da unidade da única Igreja de Jesus Cristo na pluralidade das Igrejas particulares. A conexão entre esta Ordenação episcopal e o tema da peregrinação dos povos para Jesus Cristo é evidente. O Bispo tem a missão não apenas de se incorporar nesta peregrinação juntamente com os demais, mas de ir à frente e indicar a estrada. Nesta liturgia, porém, queria reflectir convosco sobre uma questão

ainda mais concreta. Com base na história narrada por Mateus, podemos certamente fazer uma ideia aproximada do tipo de homens que, seguindo o sinal da estrela, se puseram a caminho para encontrar aquele Rei que teria fundado uma nova espécie de realeza, e não só para Israel mas para a humanidade inteira. Que tipo de homens seriam então eles? E perguntemonos também se a partir deles, não obstante a diferença dos tempos e das funções, seja possível vislumbrar algo do que é o Bispo e de como deve ele cumprir a sua missão.

Os homens que então partiram rumo ao desconhecido eram, em definitiva, pessoas de coração inquieto; homens inquietos movidos pela busca de Deus e da salvação do mundo; homens à espera, que não se contentavam com seus rendimentos assegurados e com uma posição social provavelmente considerável, mas andavam à procura da realidade maior. Talvez fossem homens eruditos, que tinham grande conhecimento dos astros e, provavelmente, dispunham também duma formação filosófica; mas não era apenas saber muitas coisas que queriam; queriam sobretudo saber o essencial, queriam saber como se consegue ser pessoa humana. E, por isso, queriam saber se Deus existe, onde está e como é; se se preocupa conosco e como podemos encontrá-Lo. Queriam não apenas saber; queriam conhecer a verdade acerca de nós mesmos, de Deus e do mundo. A sua peregrinação exterior era expressão deste estar interiormente a caminho, da peregrinação interior do seu coração. Eram homens que buscavam a Deus e, em última instância, caminhavam para Ele; eram indagadores de Deus.

Chegamos assim à questão: Como deve ser um homem a quem se impõem as mãos para a Ordenação episcopal na Igreja de Jesus Cristo? Podemos dizer: deve ser sobretudo um homem cujo interesse se dirige para Deus, porque só então é que ele se interessa verdadeiramente também pelos homens. E, vice-versa, podemos dizer: um Bispo deve ser um homem que tem a peito os outros homens, que se deixa tocar pelas vicissitudes humanas. Deve ser um homem para os outros; mas só poderá sê-lo realmente, se for um homem conquistado por Deus: se, para ele, a inquietação por Deus se tornou uma inquietação pela sua criatura, o homem. Como os Magos do Oriente, também um Bispo não deve ser alguém que se limita a exercer o seu ofício, sem se importar com mais nada; mas deve deixar-se absorver pela inquietação de Deus com os homens.

Deve, por assim dizer, pensar e sentir em sintonia com Deus. Não é apenas o homem que tem em si a inquietação constitutiva por Deus, mas esta inquietação é uma participação na inquietação de Deus por nós. Foi por estar inquieto conosco que Deus veio atrás de nós até à manjedoura; mais: até à cruz. «A buscar-me Vos cansastes, pela Cruz me resgatastes: tanta dor não seja em vão!»: reza a Igreja no *Dies irae*. A inquietação do homem por Deus e, a partir dela, a inquietação de Deus pelo homem não devem dar tréguas ao Bispo. É isto que queremos dizer, ao afirmar que o Bispo deve ser sobretudo um homem de fé; porque a fé nada mais é do que ser interiormente tocado por Deus, condição esta que nos leva pelo caminho da vida. A fé atrai-nos para dentro de um estado em que somos arrebatados pela inquietação de Deus e faz de nós peregrinos que estão interiormente a caminho para o verdadeiro Rei do mundo e para a sua promessa de justiça, de verdade e de amor. Nesta peregrinação, o Bispo deve ir à frente, deve ser aquele que indica aos homens a estrada para a fé, a esperança e o amor.

A peregrinação interior da fé para Deus realiza-se sobretudo na oração. Santo Agostinho disse certa vez que a oração, em última análise, nada mais seria do que a actualização e a radicalização do nosso desejo de Deus. No lugar da palavra «desejo», poderíamos colocar também a palavra «inquietação» e dizer que a oração quer arrancar-nos da nossa falsa comodidade, da nossa clausura nas realidades materiais, visíveis, para nos transmitir a inquietação por Deus, tornando-nos assim abertos e inquietos uns para com os outros. O Bispo, como peregrino de Deus, deve ser sobretudo um homem que reza, deve estar em permanente contacto interior com Deus; a sua alma deve estar aberta de par em par a Deus. As dificuldades suas e dos outros bem como as suas alegrias e as dos demais deve levá-las a Deus e assim, a seu modo, estabelecer o contacto entre Deus e o mundo na comunhão com Cristo, para que a luz de Cristo brilhe no mundo.

Voltemos aos Magos do Oriente. Eles eram também e sobretudo homens que tinham coragem; tinham a coragem e a humildade da fé. Era preciso coragem a fim de acolher o sinal da estrela como uma ordem para partir, para sair rumo ao desconhecido, ao incerto, por caminhos onde havia inúmeros perigos à espreita. Podemos imaginar que a decisão destes homens tenha provocado sarcasmo: o sarcasmo dos ditos realistas que

podiam apenas zombar das fantasias destes homens. Quem partia baseado em promessas tão incertas, arriscando tudo, só podia aparecer como ridículo. Mas, para estes homens tocados interiormente por Deus, era mais importante o caminho segundo as indicações divinas do que a opinião alheia. Para eles, a busca da verdade era mais importante que a zombaria do mundo, aparentemente inteligente.

Vendo tal situação, como não pensar na missão do Bispo neste nosso tempo? A humildade da fé, do crer juntamente com a fé da Igreja de todos os tempos, há-de encontrar-se, vezes sem conta, em conflito com a inteligência dominante daqueles que se atêm àquilo que aparentemente é seguro. Quem vive e anuncia a fé da Igreja encontra-se em desacordo também em muitos aspectos, com as opiniões dominantes precisamente no nosso tempo. O agnosticismo, hoje largamente imperante, tem os seus dogmas e é extremamente intolerante com tudo o que o põe em questão, ou põe em questão os seus critérios. Por isso, a coragem de contradizer as orientações dominantes é hoje particularmente premente para um Bispo. Ele tem de ser valoroso; e esta valentia ou fortaleza não consiste em ferir com violência, na agressividade, mas em deixar-se ferir e fazer frente aos critérios das opiniões dominantes. A coragem de permanecer firme na verdade é inevitavelmente exigida àqueles que o Senhor envia como cordeiros para o meio de lobos. «Aquele que teme o Senhor nada temerá», diz *Ben Sirá* (34, 14). O temor de Deus liberta do medo dos homens; faz-nos livres!

Neste contexto, recordo um episódio dos primórdios do cristianismo que São Lucas narra nos Actos dos Apóstolos. Depois do discurso de Gamaliel, que desaconselha a violência contra a comunidade nascente dos crentes em Jesus, o Sinédrio convocou os Apóstolos e fê-los flagelar. Depois proibiu-os de pregar em nome de Jesus e pô-los em liberdade. São Lucas continua: Os Apóstolos «saíram da sala do Sinédrio cheios de alegria por terem sido considerados dignos de sofrer vexames por causa do Nome de Jesus. E todos os dias (...) não cessavam de ensinar e de anunciar a Boa-Nova de Jesus, o Messias» (*Act* 5, 41-42). Também os sucessores dos Apóstolos devem esperar ser, repetidamente e de forma moderna, flagelados, se não cessam de anunciar alto e bom som a Boa-Nova de Jesus Cristo; hão-de então alegrar-se por terem sido considerados dignos de sofrer

ultrajes por Ele. Naturalmente queremos, como os Apóstolos, convencer as pessoas e, neste sentido, obter a sua aprovação; naturalmente não provocamos, antes, pelo contrário, convidamos todos a entrarem na alegria da verdade que indica a estrada. Contudo o critério ao qual nos submetemos não é a aprovação das opiniões dominantes; o critério é o próprio Senhor. Se defendemos a sua causa, conquistaremos incessantemente, pela graça de Deus, pessoas para o caminho do Evangelho; mas inevitavelmente também seremos flagelados por aqueles cujas vidas estão em contraste com o Evangelho, e então poderemos ficar agradecidos por sermos considerados dignos de participar na Paixão de Cristo.

Os Magos seguiram a estrela e assim chegaram a Jesus, à grande Luz que, vindo ao mundo, ilumina todo o homem (cf. *Jo* 1, 9). Como peregrinos da fé, os Magos tornaram-se eles mesmos estrelas que brilham no céu da história e nos indicam a estrada. Os santos são as verdadeiras constelações de Deus, que iluminam as noites deste mundo e nos guiam. São Paulo, na *Carta aos Filipenses*, disse aos seus fiéis que devem brilhar como astros no mundo (cf. 2, 15).

Queridos amigos, isto diz respeito também a nós. Isto diz respeito sobretudo a vós que ides agora ser ordenados Bispos da Igreja de Jesus Cristo. Se viverdes com Cristo, ligados a Ele novamente no Sacramento, então também vós vos tornareis sábios; então tornar-vos-eis astros que vão à frente dos homens e indicam-lhes o caminho certo da vida. Neste momento, todos nós aqui rezamos por vós, pedindo que o Senhor vos encha com a luz da fé e do amor, que a inquietação de Deus pelo homem vos toque, que todos possam experimentar a sua proximidade e receber o dom da sua alegria. Rezamos por vós, para que o Senhor sempre vos dê a coragem e a humildade da fé. Rezamos a Maria, que mostrou aos Magos o novo Rei do mundo (cf. *Mt* 2, 11), para que, como Mãe amorosa, mostre Jesus Cristo também a vós e vos ajude a serdes indicadores da estrada que leva a Ele. Amen.

CELEBRAÇÃO DO BATISMO DO SENHOR  
E ADMINISTRAÇÃO DO BATISMO

*Capela Sistina*

**Domingo, 13 de Janeiro de 2013**

*Estimados irmãos e irmãs!*

A alegria brotada da celebração do Santo Natal encontra hoje o seu cumprimento na festa do Baptismo do Senhor. A este júbilo acrescenta-se mais um motivo, para nós que nos encontramos aqui reunidos: no sacramento do Baptismo, que daqui a pouco administrarei a estes recém-nascidos manifesta-se efectivamente a presença viva e concreta do Espírito Santo que, enriquecendo a Igreja com novos filhos, a vivifica e a faz crescer, e isto não pode deixar de nos alegrar. Desejo dirigir uma saudação especial a vós, queridos pais, padrinhos e madrinhas, que hoje dais testemunho da vossa fé, pedindo o Baptismo para estas crianças, a fim de que sejam geradas para a vida nova em Cristo e comecem a fazer parte da comunidade dos crentes.

A narração evangélica do baptismo de Jesus, que hoje ouvimos segundo o evangelho de são Lucas, indica o caminho de abaixamento e de humildade, que o Filho de Deus escolheu livremente para aderir ao desígnio do Pai, para ser obediente à sua vontade de amor ao homem em tudo, até ao sacrifício na cruz. Já adulto, Jesus dá início ao seu ministério público, indo ao rio Jordão para receber de João um baptismo de penitência e de conversão. Acontece aquilo que aos nossos olhos parece paradoxal. Tem Jesus necessidade de penitência e de conversão? Com certeza que não! E no entanto, precisamente Aquele que é sem pecado põe-se entre os pecadores para se fazer baptizar, para cumprir este gesto de penitência; o Santo de Deus une-se a quantos se reconhecem necessitados de perdão e pedem a Deus o dom da conversão, isto é, a graça de voltar para Ele com todo o coração, para ser totalmente seus. Jesus quer pôr-se da parte dos pecadores, tornando-se solidários para com eles, manifestando a proximidade de Deus. Jesus mostra-se solidário connosco, com a nossa dificuldade de nos convertermos, de abandonarmos os nossos egoísmos, de nos separarmos

dos nossos pecados, para nos dizer que se O aceitarmos na nossa vida, Ele é capaz de nos elevar e de nos conduzir à altura de Deus Pai. E esta solidariedade de Jesus não é, por assim dizer, um simples exercício da mente e da vontade. Jesus imergiu-se realmente na nossa condição humana, viveu-a até ao fundo, excepto no pecado, e é capaz de compreender a sua debilidade e fragilidade. Por isso, Ele compadece-se, escolhe «padecer com» os homens, fazer-se penitente juntamente connosco. Esta é a obra de Deus, que Jesus deseja realizar: a missão divina de curar quem está ferido e medicar quantos estão doentes, de assumir sobre si mesmo os pecados do mundo.

O que acontece, no momento em que Jesus se faz baptizar por João? Diante deste gesto de amor humilde por parte do Filho de Deus, abrem-se os Céus e manifesta-se visivelmente o Espírito Santo sob a forma de uma pomba, enquanto uma voz do alto exprime a complacência do Pai, que reconhece o seu Filho unigénito, o Amado. Trata-se de uma verdadeira manifestação da Santíssima Trindade, que dá testemunho da divindade de Jesus, do seu ser o Messias prometido, Aquele que Deus enviou para libertar o seu povo, a fim de que seja salvo (cf. *Is 40, 2*). Realiza-se assim a profecia de Isaías, que ouvimos na primeira Leitura: o Senhor Deus vem poderosamente para destruir as obras do pecado, e o seu braço exerce o domínio para desarmar o Maligno; todavia, tenhamos presente que este braço está estendido na cruz e que o poder de Cristo é a força daquele que sofre por nós: trata-se do poder de Deus, diferente do poder do mundo; assim Deus vem com o poder para destruir o pecado. Verdadeiramente, Jesus age como o Bom Pastor que apascenta a grei e a reúne, a fim de que não se perca (cf. *Is 40, 10-11*), e oferece a sua própria vida para que ela tenha vida. É através da sua morte redentora que o homem é libertado do domínio do pecado e reconciliado com o Pai; é pela sua ressurreição que o homem é salvo da morte eterna, tornando-se vitorioso sobre o Maligno.

Caros irmãos e irmãs, o que acontece no Baptismo que daqui a pouco administrarei aos vossos filhos? Acontece precisamente isto: serão unidos de modo profundo e para sempre com Jesus, imersos no mistério desta sua força, deste seu poder, ou seja no mistério da sua morte, que é fonte de vida, para participar na sua ressurreição, para renascer para uma vida nova. Eis o prodígio que hoje se repete também para os vossos filhos: recebendo o

Batismo, eles renascem como filhos de Deus, partícipes da relação filial que Jesus tem com o seu Pai, capazes de se dirigir a Deus chamando-lhe com plena confiança e confiança: «Abá, Pai!». O Céu abriu-se também sobre os vossos filhos, e Deus diz: estes são os meus filhos, filhos do meu agrado. Inseridos nesta relação e livres do pecado original, eles passam a ser membros vivos do único corpo que é a Igreja e tornam-se capazes de viver em plenitude a sua vocação à santidade, de modo a poder herdar a vida eterna, que nos foi alcançada pela ressurreição de Jesus.

Queridos pais, quando pedis o Batismo para os vossos filhos, vós manifestais e testemunhais a vossa fé, a alegria de ser cristãos e de pertencer à Igreja. É a alegria que brota da consciência de ter recebido um grandioso dom de Deus, precisamente a fé, uma dádiva que ninguém de nós pôde merecer, mas que nos foi concedida gratuitamente, e à qual nós respondemos com o nosso «sim». Trata-se da alegria de nos reconhecermos como filhos de Deus, de nos descobirmos confiados às suas mãos, de nos sentirmos acolhidos num abraço de amor, do mesmo modo como uma mãe sustém e abraça o seu filho. Esta alegria, que guia o caminho de cada cristão, fundamenta-se numa relação pessoal com Jesus, uma relação que orienta toda a existência humana. Com efeito, é Ele que confere sentido à nossa vida, Aquele em quem vale a pena manter fixo o nosso olhar, para sermos iluminados pela sua Verdade e para podermos viver em plenitude. Por isso, o caminho da fé que hoje tem início para estas crianças funda-se numa certeza, na experiência de que nada existe de maior do que conhecer Cristo e comunicar aos outros a amizade com Ele; somente nesta amizade se descerram realmente as grandes potencialidades da condição humana e podemos experimentar o que é belo, o que liberta (cf. Homilia na Santa Messa para o início do Pontificado, 24 de Abril de 2005). Quem fez esta experiência não está disposto a renunciar à própria fé por nada neste mundo.

E vós, dilectos padrinhos e madrinhas, tendes a importante tarefa de sustentar e contribuir para a obra educativa dos pais, acompanhando-os na transmissão das verdades da fé e no testemunho dos valores do Evangelho, para fazer crescer estas crianças numa amizade cada vez mais profunda com o Senhor. Sabei oferecer-lhes sempre o vosso bom exemplo, através do exercício das virtudes cristãs. Não é fácil manifestar abertamente e sem

comprometimentos aquilo em que acreditamos, de modo especial no contexto em que vivemos, perante uma sociedade que considera muitas vezes fora de moda e fora do tempo quantos vivem da fé em Jesus. Na onda desta mentalidade, pode haver inclusive entre os cristãos o risco de entender a relação com Jesus como limitadora, como algo que mortifica a própria realização pessoal; «Deus é visto como o limite da nossa liberdade, um limite a ser eliminado, a fim de que o homem possa ser totalmente ele mesmo» (*A infância de Jesus*, 101). Mas não é assim! Esta visão demonstra que nada entendeu da relação com Deus, pois é precisamente na medida em que se procede pelo caminho da fé, que se compreende como Jesus exerce sobre nós a acção libertadora do amor de Deus, que nos faz sair do nosso egoísmo, do facto de permanecermos fechados em nós mesmos, para nos levar a uma vida plena, em comunhão com Deus e aberta aos outros. «“Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus e Deus nele” (1 Jo 4, 16). Estas palavras da primeira Carta de João exprimem, com clareza singular, o centro da fé cristã: a imagem cristã de Deus e também a consequente imagem do homem e do seu caminho» (Encíclica *Deus caritas est*, 1).

A água, com a qual estas crianças serão assinaladas em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, mergulhá-las-á naquela «fonte» de vida que é o próprio Deus e que as tornará seus verdadeiros filhos. E a semente das virtudes teológicas infundidas por Deus, a fé, a esperança e a caridade, semente que hoje é lançada no seu coração pelo poder do Espírito Santo, deverá ser alimentada sempre pela Palavra de Deus e pelos Sacramentos, de maneira que estas virtudes do cristão possam crescer e alcançar a plena maturidade, a ponto de fazer de cada um deles uma verdadeira testemunha do Senhor. Enquanto invocamos sobre estas crianças a efusão do Espírito Santo, confiemos-las à salvaguarda da Virgem Santa; que Ela as conserve sempre com a sua presença materna e as acompanhe em cada momento da sua vida. Amém!

CELEBRAÇÃO DAS VÉSPERAS NA CONCLUSÃO DA SEMANA DE ORAÇÃO PELA  
UNIDADE DOS CRISTÃOS

*Solenidade da Conversão de São Paulo Apóstolo*  
*Basílica de São Paulo fora dos Muros*

**Sexta-feira, 25 de Janeiro de 2013**

*Amados irmãos e irmãs!*

É sempre uma alegria e uma graça especial encontrar-nos ao redor do túmulo do apóstolo Paulo, para encerrar a Semana de oração pela unidade dos cristãos. Saúdo afectuosamente os Purpurados presentes, em primeiro lugar o Cardeal Harvey, Arcipreste desta Basílica, e juntamente com ele o Abade e a Comunidade de monges que nos hospedam. Saúdo o Cardeal Koch, Presidente do Pontifício Conselho para a Promoção da Unidade dos Cristãos, bem como todos os colaboradores do Dicastério. Dirijo as minhas saudações cordiais e fraternas a Sua Eminência o Metropolita Gennadios, representante do Patriarca ecuménico, ao Reverendo Cónego Richardson, representante pessoal em Roma do Arcebispo de Canterbury, e a todos os representantes das várias Igrejas e Comunidades eclesiais, aqui reunidos esta tarde. Além disso, é com muito prazer que saúdo os membros da Comissão mista para o diálogo teológico entre a Igreja católica e as Igrejas orientais ortodoxas, aos quais desejo um trabalho fecundo para a sessão plenária que se realiza nestes dias em Roma, assim como os estudantes do *Ecumenical Institute of Bossey*, em visita a Roma para aprofundar o seu conhecimento da Igreja católica, e os jovens ortodoxos e ortodoxos orientais que estudam aqui. Finalmente, saúdo todos os presentes, que vieram rezar pela unidade entre todos os discípulos de Cristo.

Esta celebração insere-se no contexto do Ano da fé, que teve início no passado dia 11 de Outubro, no cinquentenário da inauguração do Concílio Vaticano II. A comunhão na mesma fé constitui a base para o ecumenismo. Com efeito, a unidade é concedida por Deus, como algo inseparável da fé; são Paulo exprime-o de maneira eficaz: «Sede um só corpo e um só espírito, assim como fostes chamados pela vossa vocação a uma só esperança. Há um só Senhor, uma só fé, um só baptismo. Há um só Deus e

Pai de todos, que actua acima de todos, por todos e em todos» (Ef 4, 4-6). A profissão da fé baptismal em Deus, Pai e Criador, que se revelou no Filho Jesus Cristo, efundindo o Espírito que vivifica e santifica, já une os cristãos. Sem a fé — que é primariamente dádiva de Deus, mas também resposta do homem — todo o movimento ecuménico se reduziria a uma forma de «contrato», ao qual aderir por um interesse comum. O Concílio Vaticano II recorda que os cristãos, «quanto mais unidos estiverem em comunhão estreita com o Pai, o Verbo e o Espírito, tanto mais íntima e facilmente conseguirão aumentar a fraternidade mútua» (Decreto *Unitatis redintegratio*, 7). As questões doutrinárias que ainda nos dividem não devem ser descuidadas, nem subestimadas. Ao contrário, devem ser enfrentadas com coragem, num espírito de fraternidade e de respeito recíprocos. Quando reflecte a prioridade da fé, o diálogo permite que nos abramos à obra de Deus, com a confiança firme de que não podemos construir a unidade sozinhos, mas é o Espírito Santo que nos orienta para a comunhão plena e nos faz captar a riqueza espiritual presente nas várias Igrejas e Comunidades eclesiais.

Na sociedade contemporânea, parece que a mensagem cristã incide cada vez menos na vida pessoal e comunitária; e isto representa um desafio para todas as Igrejas e Comunidades eclesiais. A unidade é em si mesmo um instrumento privilegiado, como que um pressuposto para anunciar de modo cada vez mais credível a fé a quantos ainda não conhecem o Salvador ou que, embora tenham recebido o anúncio do Evangelho, quase esqueceram este dom inestimável. O escândalo da divisão que impedia a actividade missionária foi o impulso que depois deu início ao movimento ecuménico como hoje o conhecemos. Com efeito, a comunhão plena e visível entre os cristãos deve ser entendida como uma característica fundamental, para um testemunho ainda mais claro. Então, enquanto nos encontramos a caminho da unidade plena, é necessário perseguir uma colaboração concreta entre os discípulos de Cristo em prol da causa da transmissão da fé ao mundo contemporâneo. Hoje há grande necessidade de reconciliação, de diálogo e de compreensão recíproca, numa perspectiva não moralista, mas precisamente em nome da autenticidade cristã, para uma presença mais incisiva na realidade do nosso tempo.

Além disso, a verdadeira fé em Deus é inseparável da santidade pessoal, assim como da busca de justiça. Na Semana de oração pela unidade dos cristãos, que hoje se conclui, o tema oferecido à nossa meditação foi: «O que o Senhor exige de nós», inspirado pelas palavras do profeta Miqueias, que ouvimos (cf. 6, 6-8). Ele foi proposto pelo *Student Christian Movement in India*, em colaboração com a *All India Catholic University Federation* e o *National Council of Churches in India*, que prepararam também os subsídios para a reflexão e a oração. A quantos colaboraram, desejo manifestar o meu profundo agradecimento e, com grande afecto, asseguro a minha oração a todos os cristãos da Índia, que às vezes são chamados a dar testemunho da sua fé em condições difíceis. «Caminhar humildemente com Deus» (cf. *Mq* 6, 8) significa antes de tudo caminhar na radicalidade da fé, como Abraão, confiando em Deus, aliás depositando nele toda a nossa esperança e aspiração, mas significa também ir além das barreiras, além do ódio, do racismo e da discriminação social e religiosa, que dividem e prejudicam a sociedade inteira. Como afirma são Paulo, os cristãos devem ser os primeiros a oferecer um exemplo luminoso na busca da reconciliação e da comunhão em Cristo, que ultrapasse todos os tipos de divisão. Na *Carta aos Gálatas*, o apóstolo das nações afirma: «Todos vós sois filhos de Deus pela fé em Jesus Cristo. Todos vós, que fostes batizados em Cristo, vos revestistes de Cristo. Já não há judeu nem grego, nem escravo nem livre, nem homem nem mulher, pois todos vós sois um só em Cristo Jesus» (3, 26-28).

Enfim, a nossa busca de unidade na verdade e no amor nunca deve perder de vista a percepção de que a unidade dos cristãos constitui uma obra e um dom do Espírito Santo, e vai muito além dos nossos esforços. Por conseguinte, o ecumenismo espiritual, especialmente a oração, é o coração do compromisso ecuménico (cf. Decreto *Unitatis redintegratio*, 8). Todavia, o ecumenismo não dará frutos duradouros, se não for acompanhado por gestos concretos de conversão que despertem as consciências e favoreçam a purificação das recordações e das relações. Como afirma o Decreto do Concílio Vaticano II sobre o ecumenismo, «não existe um ecumenismo verdadeiro sem a conversão interior» (n. 7). Uma conversão autêntica, como a que o profeta Miqueias sugere e da qual o apóstolo Paulo é um exemplo significativo, levar-nos-á para mais perto de Deus, do centro da nossa vida, de maneira a aproximar-nos em maior medida também uns dos

outros. Trata-se de um elemento fundamental do nosso compromisso ecuménico. A renovação da vida interior do nosso coração e da nossa mente, que se reflecte na vida quotidiana, é crucial em cada diálogo e caminho de reconciliação, fazendo do ecumenismo um compromisso recíproco de compreensão, respeito e amor, «a fim de que o mundo creia» (Jo 17, 21).

Caros irmãos e irmãs, invoquemos com confiança a Virgem Maria, modelo incomparável de evangelização, a fim de que a Igreja, «sinal e instrumento da íntima união com Deus e da unidade de todo o género humano» (Constituição *Lumen gentium*, 1), anuncie com franqueza, também no nosso tempo, Cristo Salvador. Amém!

SANTA MISSA COM OS MEMBROS DOS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E DAS  
SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA NA FESTA DA APRESENTAÇÃO DO SENHOR POR  
OCASIÃO DO XVII DIA DA VIDA CONSAGRADA

*Basílica Vaticana*

**Sábado, 2 de Fevereiro de 2013**

*Prezados irmãos e irmãs!*

Na sua narração da infância de Jesus, são Lucas ressalta o modo como Maria e José eram fiéis à Lei do Senhor. Cumprem com profunda devoção tudo aquilo que é prescrito depois do parto de um primogénito varão. Trata-se de duas prescrições muito antigas: uma diz respeito à mãe, e à outra ao menino recém-nascido. Para a mulher é prescrito que durante quarenta dias se abstenha das práticas rituais e que depois ofereça um sacrifício dúplice: um cordeiro em holocausto e uma rola ou um pombo pelo pecado; mas se a mulher é pobre, pode oferecer duas rolas ou dois pombos (cf. *Lv* 12, 1-8). São Lucas esclarece que Maria e José oferecem o sacrifício dos pobres (cf. 2, 24), para evidenciar que Jesus nasceu numa família de pessoas simples, humildes, mas muito fiéis: uma família pertencente àqueles pobres de Israel que formam o verdadeiro povo de Deus. Para o primogénito varão, que segundo a Lei de Moisés é propriedade de Deus, prescrevia-se ao contrário o resgate, estabelecido na oferta de cinco siclos, a serem pagos a um sacerdote em qualquer lugar. Isto, em memória perene de que, na época do Êxodo, Deus salvou os primogénitos dos judeus (cf. *Êx* 13, 11-16).

É importante observar que para estes dois gestos — a purificação da mãe e o resgate do filho — não era necessário ir ao Templo. No entanto, Maria e José querem cumprir tudo em Jerusalém, e são Lucas mostra como toda esta cena converge para o Templo, e portanto está centrada em Jesus que entra no Templo. E eis que, precisamente através das prescrições da Lei, o acontecimento principal se torna outro, ou seja, a «apresentação» de Jesus no Templo de Deus, que significa o gesto de oferecer o Filho do Altíssimo ao Pai que O enviou (cf. *Lc* 1, 32.35).

Esta narração do evangelista encontra correspondência na palavra do profeta Malaquias, que ouvimos no início da primeira Leitura: «Vou mandar

o meu mensageiro para preparar o meu caminho. E imediatamente virá ao seu Templo o Senhor que buscais, o anjo da aliança que desejais. Ei-lo que vem... Ele purificará os filhos de Levi... eles apresentarão ao Senhor as ofertas segundo a justiça» (3, 1.3). Claramente, aqui não se fala de um menino, e todavia esta palavra encontra cumprimento em Jesus porque «imediatamente», graças à fé dos seus pais, Ele foi levado ao Templo; e no gesto da sua «apresentação», ou da sua «oferta» pessoal a Deus Pai, transparece de maneira clara o tema do sacrifício e do sacerdócio, como no trecho do profeta. O Menino Jesus, que é imediatamente apresentado no Templo, é o mesmo que, quando se tornar adulto, purificará o Templo (cf. *Jo* 2, 13-22; *Mc* 11, 15,19 e par.) e, principalmente, fará de Si mesmo o holocausto e o sumo sacerdote da nova Aliança.

Esta é também a perspectiva da *Carta aos Hebreus*, da qual foi proclamado um trecho na segunda Leitura, de maneira a fortalecer o tema do novo sacerdócio: um sacerdócio — inaugurado por Jesus — que é existencial: «Com efeito, precisamente porque suportou tribulações, Ele mesmo está em condições de vir em socorro de quantos se sentem atribulados» (*Hb* 2, 18). E assim encontramos também o tema do sofrimento, muito acentuado no trecho evangélico, onde Simeão pronuncia a sua profecia a respeito do Menino e da sua Mãe: «Eis que este Menino está destinado a ser causa de queda e de levantamento para muitos homens em Israel, e a ser sinal de contradição — E uma espada trespassará a tua alma [Maria]» (*Lc* 2, 34-35). A «salvação» que Jesus traz ao seu povo, e que encarna em si mesmo, passa pela Cruz, através da morte violenta que Ele vencerá e transformará com a oblação da vida por amor. Esta oblação já está totalmente prenunciada no acto da Apresentação no Templo, um gesto certamente motivado pelas tradições da antiga Aliança, mas intimamente animado pela plenitude da fé e do amor, que corresponde à plenitude dos tempos, à presença de Deus e do seu Espírito Santo em Jesus. Com efeito, o Espírito paira sobre toda a cena da Apresentação de Jesus no Templo, de modo particular sobre a figura de Simeão, mas também de Ana. É o Espírito «Paráclito», que traz a «consolação» de Israel e move os passos e o coração daqueles que a esperam. É o Espírito que sugere as palavras proféticas de Simeão e Ana, palavras de bênção, de louvor a Deus, de fé no seu Consagrado e de acção de graças, porque finalmente os nossos olhos podem ver e os nossos braços estreitar «a sua salvação» (cf. 2, 30).

«Luz para iluminar as nações, e para a glória do vosso povo, Israel» (2, 32): assim Simeão define o Messias do Senhor, no final do seu cântico de bênção. O tema da luz, que ressoa no primeiro e no segundo carne do Servo do Senhor, no Dêutero-Isaias (cf. *Is* 42, 6; 49, 6), está fortemente presente nesta liturgia. Com efeito, ela foi aberta por uma procissão sugestiva, em que participaram os Superiores e as Superiores-Gerais dos Institutos de vida consagrada aqui representados, que traziam os círios acesos. Este sinal, específico da tradição litúrgica desta Festa, é muito expressivo. Manifesta a beleza e o valor da vida consagrada como reflexo da luz de Cristo; um sinal que evoca a entrada de Maria no Templo: a Virgem Maria, a Consagrada por excelência, trazia no colo a própria Luz, o Verbo encarnado, que veio para dissipar as trevas do mundo com o amor de Deus.

Estimados irmãos e irmãs consagrados, todos vós fostes representados naquela peregrinação simbólica, que no *Ano da fé* expressa ainda mais o vosso congregar-vos na Igreja, para serdes confirmados na fé e para renovardes o ofertório de vós mesmos a Deus. A cada um de vós, bem como aos vossos Institutos, dirijo com afecto a minha saudação mais cordial, enquanto vos agradeço a vossa presença. Na luz de Cristo, com os múltiplos carismas de vida contemplativa e apostólica, vós cooperais para a vida e a missão da Igreja no mundo. Neste espírito de reconhecimento e de comunhão, gostaria de vos dirigir três convites, a fim de que possais entrar plenamente naquela «porta da fé», que está sempre aberta para nós (cf. Carta Apostólica *Porta fidei*, 1).

Em primeiro lugar, convido-vos a alimentar uma fé capaz de iluminar a vossa vocação. Por isso exorto-vos a fazer memória, como uma peregrinação interior, do «primeiro amor» com que o Senhor Jesus Cristo aqueceu o vosso coração, não por saudades, mas para alimentar aquela chama. E para isto é necessário permanecer com Ele, no silêncio da adoração; e assim despertar a vontade e a alegria de compartilhar a sua vida, as suas escolhas, a sua obediência de fé, a bem-aventurança dos pobres e a radicalidade do amor. A partir, sempre novamente, deste encontro de amor convosco, vós deixais tudo para permanecer com Ele e para vos colocardes como Ele ao serviço de Deus e dos irmãos (cf. Exortação Apostólica *Vita consecrata*, 1).

Convido-vos, em segundo lugar, a uma fé que saiba reconhecer a sabedoria da debilidade. Nas alegrias e nas aflições do tempo presente, quando a dureza e o peso da cruz se fazem sentir, não tenhais dúvida de que a *kenosis* de Cristo já é vitória pascal. Precisamente no limite e na debilidade humana somos chamados a viver a conformação com Cristo, numa tensão totalizadora que antecipa, na medida possível do tempo, a perfeição escatológica (cf. *ibid.*, n. 16). Nas sociedades da eficácia e do sucesso, a vossa vida marcada pela «menoridade» e pela fragilidade dos pequeninos, pela empatia com quantos não têm voz, torna-se um sinal evangélico de contradição.

Finalmente, convido-vos a renovar a fé que vos faz ser peregrinos rumo ao futuro. Pela sua natureza, a vida consagrada é peregrinação do espírito, em busca de uma Face que ora se manifesta e ora se oculta: «*Faciam tuam, Domine, requiram*» (Sl 26, 8). Seja este o anseio constante do vosso coração, o critério fundamental que orienta o vosso caminho, tanto nos pequenos passos quotidianos, como nas decisões mais importantes, não vos unais aos profetas de desventura, que proclamam o fim ou a insensatez da vida consagrada na Igreja dos nossos dias; pelo contrário, revesti-vos de Jesus Cristo e muni-vos das armas da luz — como exorta são Paulo (cf. *Rm* 13, 11-14) — permanecendo acordados e vigilantes. São Cromácio de Aquileia escrevia: «O Senhor afaste de nós este perigo, a fim de que nunca nos deixemos sucumbir pelo sono da infidelidade; mas que Ele nos conceda a sua graça e a sua misericórdia, para que possamos velar sempre na fidelidade a Ele. Com efeito, a nossa fidelidade pode velar em Cristo» (*Sermão* 32, 4).

Caros irmãos e irmãs, a alegria da vida consagrada passa necessariamente através da participação na Cruz de Cristo. Foi assim para Maria Santíssima. O seu é o sofrimento do Coração, que forma um só ser com o Coração do Filho de Deus, trespassado por amor. Daquela ferida jorra a luz de Deus, e inclusive dos sofrimentos, dos sacrifícios, do dom de si mesmos, que os consagrados vivem por amor a Deus e ao próximo, também dali se irradia a mesma luz, que evangeliza os povos. Nesta Festa, formulo votos de modo particular a vós, consagrados, a fim de que a vossa vida tenha sempre o sabor da parrésia evangélica, para que em vós a Boa

Nova seja vivida, testemunhada e anunciada, e resplandeça como Palavra de verdade (cf. Carta Apostólica *Porta fidei*, 6). Amém!

SANTA MISSA, BÊNÇÃO E IMPOSIÇÃO DAS CINZAS

*Basílica de S. Pedro*

**Quarta-feira, 13 de Fevereiro de 2013**

*Venerados Irmãos,  
Amados irmãos e irmãs!*

Hoje, Quarta-feira de Cinzas, começamos um novo caminho quaresmal, um caminho que se estende por quarenta dias e nos conduz à alegria da Páscoa do Senhor, à vitória da Vida sobre a morte. Seguindo a tradição romana, muito antiga, das *stationes quaresmais*, reunimo-nos hoje para a Celebração da Eucaristia. A referida tradição prevê que a primeira *statio* tenha lugar na Basílica de Santa Sabina na colina do Aventino. Mas as circunstâncias sugeriram que nos reuníssemos na Basílica Vaticana, atendendo ao elevado número da nossa assembleia que, nesta tarde, se juntou ao redor do Túmulo do Apóstolo Pedro inclusive para pedir a sua intercessão em favor do caminho da Igreja neste momento particular, renovando a nossa fé no Supremo Pastor, Cristo Senhor. Para mim, constitui uma ocasião propícia para agradecer a todos, especialmente aos fiéis da diocese de Roma, no momento em que estou para concluir o meu ministério petrino, e pedir uma especial lembrança na oração.

As Leituras proclamadas oferecem-nos sugestões que somos chamados a fazê-las tornar-se, com a graça de Deus, atitudes e comportamentos concretos nesta Quaresma. A Igreja propõe-nos, em primeiro lugar, o forte apelo que o profeta Joel dirige ao povo de Israel: «Mas agora diz o Senhor, convertei-vos a mim de todo o coração com jejuns, com lágrimas, com gemidos» (2, 12). Começo por sublinhar a expressão «de todo o coração», que significa a partir do centro dos nossos pensamentos e sentimentos, a partir das raízes das nossas decisões, escolhas e acções, com um gesto de liberdade total e radical. Mas, este regresso a Deus é possível? Sim, porque há uma força que não habita no nosso coração, mas emana do próprio coração de Deus. É a força da sua misericórdia. Continua o profeta: «Convertei-vos ao Senhor, vosso Deus, porque Ele é clemente e compassivo, paciente e rico em misericórdia» (v. 13). A conversão ao

Senhor é possível como «graça», já que é obra de Deus e fruto da fé que depomos na sua misericórdia. Esta conversão a Deus só se torna realidade concreta na nossa vida, quando a graça do Senhor penetra no nosso íntimo e o abala, dando-nos a força para «rasgar o coração». O mesmo profeta faz ressoar, da parte de Deus, estas palavras: «Rasgai os vossos corações e não as vossas vestes» (v. 13). Com efeito, também nos nossos dias, muitos estão prontos a «rasgarem as vestes» diante de escândalos e injustiças – naturalmente cometidos por outros – mas poucos parecem dispostos a actuar sobre o seu «coração», a sua consciência e as próprias intenções, deixando que o Senhor transforme, renove e converta.

Além disso, este «convertei-vos a mim de todo o coração» é um apelo que envolve não só o indivíduo, mas também a comunidade. Na primeira Leitura, ouvimos também dizer: «Tocai a trombeta em Sião, ordenai um jejum, proclamai uma reunião sagrada. Reuni o povo, convocai a assembleia, juntai os anciãos, congregai os pequeninos e os meninos peito. Saia o esposo dos seus aposentos e a esposa do seu leito nupcial» (vv. 15-16). A dimensão comunitária é um elemento essencial na fé e na vida cristã. Cristo veio «para congregar na unidade os filhos de Deus que estavam dispersos» (*Jo* 11, 52). O «nós» da Igreja é a comunidade na qual Jesus nos congrega na unidade (cf. *Jo* 12, 32): a fé é necessariamente eclesial. É importante recordar isto e vivê-lo neste Tempo da Quaresma: cada qual esteja consciente de que não empreende o caminho penitencial sozinho, mas juntamente com muitos irmãos e irmãs, na Igreja.

Por fim, o profeta detém-se na oração dos sacerdotes, os quais, com as lágrimas nos olhos, se dirigem a Deus, dizendo: «Não transformes em ignomínia a tua herança, para que ela não se torne o escárnio dos povos! Porque diriam: “Onde está o seu Deus?”» (v. 17). Esta oração faz-nos reflectir sobre a importância que tem o testemunho de fé e de vida cristã de cada um de nós e das nossas comunidades para manifestar o rosto da Igreja; rosto este que, às vezes, fica deturpado. Penso de modo particular nas culpas contra a unidade da Igreja, nas divisões no corpo eclesial. Viver a Quaresma numa comunhão eclesial mais intensa e palpável, superando individualismos e rivalidades, é um sinal humilde e precioso para aqueles que estão longe da fé ou são indiferentes.

«Agora é o momento favorável, agora é o dia da salvação» (2 Cor 6, 2). A urgência com que estas palavras do apóstolo Paulo aos cristãos de Corinto ressoam também para nós é tal que não admite escapatória ou inércia. A repetição do termo «agora» significa que este momento não pode ser desperdiçado, é-nos oferecido como uma ocasião única e irrepetível. E o olhar do Apóstolo concentra-se sobre Cristo cuja vida se caracteriza pela partilha, tendo Ele assumido tudo o que era humano até ao ponto de carregar sobre Si o próprio pecado dos homens. A frase de São Paulo é muito forte: «Deus o fez pecado por nós». Jesus, o inocente, o Santo, «Aquele que não havia conhecido o pecado» (2 Cor 5, 21), carrega o peso do pecado partilhando com a humanidade o seu resultado: a morte, e morte de cruz. A reconciliação que nos é oferecida teve um preço altíssimo: a cruz erguida no Gólgota, na qual esteve pendurado o Filho de Deus feito homem. Nesta imersão de Deus no sofrimento humano e no abismo do mal, está a raiz da nossa justificação. O «converter-se a Deus de todo o coração» no nosso caminho quaresmal passa através da Cruz, do seguir Cristo pela estrada que conduz ao Calvário, ao dom total de si mesmo. É um caminho onde devemos aprender dia a dia a sair cada vez mais do nosso egoísmo e mesquinhez para dar espaço a Deus que abre e transforma o coração. E São Paulo lembra que o anúncio da Cruz ressoa para nós mediante a pregação da Palavra, da qual o próprio Apóstolo é embaixador; trata-se de um apelo que nos é dirigido para fazermos com que este caminho quaresmal se caracterize por uma escuta mais atenta e assídua da Palavra de Deus, luz que ilumina os nossos passos.

Na página do Evangelho de Mateus, que pertence ao chamado Sermão da Montanha, Jesus faz referência a três práticas fundamentais previstas pela Lei mosaica: a esmola, a oração e o jejum; mas são também indicações tradicionais, no caminho quaresmal, para responder ao convite de «converter-se a Deus de todo o coração». Mas Jesus põe em evidência aquilo que qualifica a autenticidade de cada gesto religioso, dizendo que é a qualidade e a verdade do relacionamento com Deus. Por isso, denuncia a hipocrisia religiosa, o comportamento que quer dar nas vistas, as atitudes que buscam o aplauso e a aprovação. O verdadeiro discípulo não procura servir-se a si mesmo ou ao «público», mas ao seu Senhor com simplicidade e generosidade: «E teu Pai, que vê o oculto, há-de recompensar-te» (Mt 6, 4.6.18). Então o nosso testemunho será tanto mais incisivo quanto menos

procurarmos a nossa glória, cientes de que a recompensa do justo é o próprio Deus, permanecer unido a Ele, aqui nesta terra, no caminho da fé e, no fim vida, na paz e na luz do encontro face a face com Ele para sempre (cf. *1 Cor 13, 12*).

Amados irmãos e irmãs, confiantes e alegres começemos o itinerário quaresmal. Ressoie em nós intensamente o convite à conversão, a «converter-se a Deus de todo o coração», acolhendo a sua graça que faz de nós homens novos, e de uma novidade maravilhosa que é a participação na própria vida de Jesus. Que nenhum de nós fique surdo a este apelo, que nos é dirigido nomeadamente com o rito austero – tão simples e ao mesmo tempo tão sugestivo – da imposição das cinzas, que dentro em breve realizaremos. Acompanha-nos neste tempo a Virgem Maria, Mãe da Igreja e modelo de todo o verdadeiro discípulo do Senhor. Amen!

© Copyright 2013 - Libreria Editrice Vaticana

---

Copyright © Dicastero per la Comunicazione - Libreria Editrice  
Vaticana